

Breves considerações sobre o Mito da Caverna, de Platão

Nayara Cristina Pereira Nunes¹

Resumo

O trabalho ora proposto pretende, de maneira bem introdutória, pensar o sentido do Mito da Caverna, de Platão, a partir dos estágios que conduzem o prisioneiro do interior da caverna para o seu exterior e, posteriormente, fazendo com que o mesmo retorne ao seu ponto de partida.

Palavras-chave: Paideia, Verdade, Ideia, Luz e Sombras

Abstract

The proposed work, briefly introduced, intends to think the meaning of the Allegory of the Cave, from Plato, from the level where the prisoner is led from the inside to the outside of Cave and, lately, leading him back to the starting point.

Keywords: Paideia, Truth, Idea, Light and Shadows

O mito da caverna, criação de Platão, é de suma importância para a compreensão do processo de formação do humano. Neste trabalho, será feita, de maneira preliminar, uma análise de cada etapa correspondente à alegoria e sua relação

1. Graduanda de pedagogia e bolsista PIBIC da UFRRJ.

com a educação (*Paideia*), *Idéia* e Verdade (*alétheia*). *Paideia* é o movimento de educação/formação do homem, todo o processo de estar na caverna, sair dela, entrar em contato com o mundo das ideias e retornar para a caverna. Segundo Glória Ribeiro, para um melhor entendimento, faz-se necessário dividir o mito da caverna em estágios, mas vale ressaltar que todos esses estágios não devem ser superados e esquecidos, devem andar juntos, pois todos fazem parte do movimento de falta de educação para a educação levando em consideração que o que está em destaque é o prisioneiro liberto para o mundo exterior, sua ascendência e retorno ao interior da caverna – movimento de descida.

O primeiro estágio, no interior da caverna (mundo subterrâneo), se dá onde os prisioneiros estão todos acorrentados e olhando somente para a frente, quando enxergam as sombras dos objetos e das pessoas que passam pelo caminho atrás deles. É uma “proximidade que impõe distância”, pois apesar de estarem em contato com as sombras, estão distantes do sentido delas, ou seja, a caverna pode ser interpretada como uma periferia (distante do centro). A caverna é dotada de um jogo de luz e sombra onde há uma tensão entre as duas. A sombra tem o poder de iludir através da luz, que possibilita o real, mas também dissimula. Esse jogo de luz e sombra gera nos prisioneiros a morada em um ambiente caracterizado como a não-verdade, podendo assim considerar que o mundo da caverna não é falso, é uma parte da realidade. O nosso cotidiano, por exemplo, é uma esfera para o esquecimento, onde este não pode se calcificar, e é por esse motivo que os estágios pelos quais o prisioneiro passa precisam estar juntos a ele, necessitam estar sendo reconquistados a todo o momento. Por conta de os prisioneiros estarem em contato com essa familiaridade, assim como nós, quando não paramos para refletir sobre o nosso cotidiano, desencadeia o que é chamado de relação superficial com as coisas, desprovidas de um fundamento. Diante disso, podemos até mesmo dizer que os filósofos se assemelham às crianças, onde ambos não se conformam com as coisas dadas e estão sempre questionando o sentido delas, enquanto as outras pessoas permanecem na superficialidade em relação ao seu cotidiano. Com isso, temos que a profunda relação dos agrilhoados com as sombras nos faz afirmar que há algo nas sombras que prende, que promove o esquecimento de seu fundo, pois as sombras e a luz se dão como uma unidade no âmbito de uma necessidade em que uma não existe sem a outra. O distanciamento do total contato com as sombras será desmembrado no segundo estágio.

O segundo estágio, “liberdade para as sombras”, caracteriza-se pelo fato do prisioneiro ser solto e forçado a voltar-se para trás. Porém, essa liberdade não

é uma liberdade total e sim um grau de liberdade, é uma espécie de encontrar-se “livre de”, isto é, do mundo com o qual vivia até então. Por estar em uma situação de comodidade, chega a determinado ponto em que algo precisa acontecer para que ele (o prisioneiro) seja forçado a voltar-se para trás, no sentido possibilitador de uma reflexão. A reflexão é tomada aqui como um estado de flexão, em que as coisas se voltam novamente contra aquele que se desprende do mundo das sombras. Segundo Heidegger, o que permite isso é o que ele denomina de “disposição de humor”. O prisioneiro precisou sentir-se em contato com essa disposição que está vinculada à sua situação. Quando o prisioneiro é liberto de forma inesperada, ele sente dores. Além da dor física (de ardência nos olhos por estar em um primeiro contato com o lume de fogo), também predomina a dor emocional (de ver que o mundo que ele vivia não é o mundo onde as coisas são as mais desveladas). Trata-se aqui da dor de perder o seu mundo.

É nesse instante que o prisioneiro encontra-se em aporia (sem saída) e sente vontade de retornar para a caverna. Percebe-se, então, que todo esse processo é doloroso, o prisioneiro cai, se levanta, sente vontade de retornar... Justamente pela não aceitação de que o mundo subterrâneo não é tudo o que se achava que era, é apenas uma parte da realidade. A liberdade, às vezes, pode gerar medo, angústia, caracterizada pela perda e esvaziamento de todas as certezas junto as quais, antes, o indivíduo, agora liberto, se apoiava. Para que seja concretizada essa manifestação do mais desvelado, será preciso uma liberação, um afastamento daquilo que já é familiar, desprender-se de tudo o que está relacionado ao mundo subterrâneo, como as crenças e valores, enfim, o cotidiano ao qual o prisioneiro pertencia. Mas esse desprendimento não surge a partir de um querer puro e arbitrário do humano, é um tipo de *páthos* (paixão, sensibilidade) necessário para o afastamento do conforto, da caverna. O movimento de liberação é algo que deve vir de dentro da mesma existência cotidiana, do próprio prisioneiro. É seguindo o sentido (*lógos*), a partir dessa disposição, que o prisioneiro pode despertar para a aparição do real. O prisioneiro se encontra neste momento “livre de”, ou seja, livre dos grilhões que o mantinham preso, distante da condição de uma relação com o mundo exterior. Para alcançar a condição de estar “livre para”, ele necessita ainda de uma liberdade para a luz, que será o tema para a compreensão do terceiro estágio da alegoria da caverna.

O terceiro estágio, onde há uma saída do escuro para o mais claro, faz com que o prisioneiro crie uma habitação, um enraizamento, e isso exige um certo período de tempo para que possa seguir em direção ao encontro do sentido

através do suporte necessário, conquistando, assim, aos poucos, as ideias. Essa liberdade para a luz é um deixar ser, deixar-se conduzir e cair em experiência, estar à disposição do mais desvelado. Ao lançar-se em direção ao mundo exterior, além das dores e do primeiro contato com a luz, o prisioneiro, através da habitação, olharia primeiramente com mais facilidade as sombras, em seguida os objetos e pessoas refletidos na água e, por último, os próprios objetos. Tanto o mundo subterrâneo quanto o mundo exterior carregam consigo uma proporção, são simétricos uns aos outros, e o grande destaque deste terceiro estágio é a mediação. A mediação é um entre ser, estar entre a certeza das sombras e a incerteza da luz do lume de fogo. A função da mediação é contrapor a ideia do que é imediato, ou seja, ela não interfere, é um estar entre dois se fazendo sempre por meio de algo; a saída do prisioneiro da caverna para o mundo das ideias não pode, em nenhum momento, ser imediata e sim mediada, pois o que persiste é a adaptação em cada estágio em direção à formação. Da mesma maneira que há o jogo de luz e sombra, há também o jogo entre sensível e inteligível, ou seja, jogo entre os sentidos e a razão. Uma coisa é olhar (o que acontece no mundo sensível, a caverna) e outra é ver (mundo inteligível, mundo exterior); a ideia faz com que o homem veja a multiplicidade dos objetos desde uma unidade de sentido.

Faz-se necessário, no mundo inteligível, sentir o processo de entificação (das coisas se fazendo coisas, da realidade se realizando) na esfera do pensamento, estando sempre em contato com o caminho que vai da falta de educação até à *Paideia*, caso contrário as coisas mostram-se sempre de maneira petrificada e, na dinâmica dessa luta, o senso comum sempre se encontra a todo instante tentando trazer o prisioneiro para o seu seio. A nossa necessidade de continuar uma leitura sem ninguém nos obrigando a exercer tal atividade é uma reivindicação em busca da essência, e é isso o que precisa estar na alma do prisioneiro, a busca própria, apropriada e apropriadora pelas coisas mais originárias.

O que Glória Ribeiro reforça neste terceiro estágio é o nosso olhar em relação às coisas, sempre pobre e pouco. A única unidade que pode conferir um caminho ao prisioneiro é este grau de liberdade causado pela luz. Porém, deve-se salientar que a luz é como a verdade na Filosofia, ela possibilita, mas também dissimula no mesmo âmbito, causando uma espécie de falha quando há uma tentativa de se atingir o essencial, e sem perceber acabamos por enunciá-la. Segundo Heidegger (2003) e citado por Ribeiro (20013, p.116)

Nenhuma coisa é (existe) onde falta a palavra. Onde falta alguma coisa, há interrupção, ruptura, rompimento. Interromper uma coisa

é retirar dela alguma coisa, é deixá-la falhar. Faltar significa falhar. Onde a palavra falha, não há coisa. A palavra disponível é que confere ser à coisa.

Enunciar uma coisa é algo mais radical. A palavra diz a coisa, o que ela é, seu conceito. Para Platão, o que garante a essência das coisas é o Bem (ideia das ideias), o que dá sentido a elas. As coisas, para o prisioneiro, precisam ser apresentadas; o apresentar é o mais originário do que o representar e o enunciar. O poeta não faz poesia porque quer e nem quando quer, é preciso que ocorra uma apresentação e, para que a apresentação se dê, é necessário que tanto o poeta quanto o que ele deseja escrever, expressar, estejam dispostos e conectados através do *lógos*. Essa conexão entre a disposição e o ser não pode se desfazer, mesmo havendo a possibilidade de esquecimento enquanto ocorre o retorno para a caverna, que será compreendido no quarto e último estágio.

O quarto estágio é onde ocorre o retorno do prisioneiro liberto para a caverna. O prisioneiro não pode permanecer no mundo exterior porque este não é o lugar dele, ninguém consegue permanecer no mundo das ideias, somente os deuses que sabem de todas as coisas. O mundo exterior é atemporal e o homem não é eterno; é devido a isto que, ao retornar para sua habitação antiga, o prisioneiro não pode voltar a ter as crenças que antes possuía; e, considerando que ele precisa esquecer, todo movimento precisa ser sempre reconquistado, pois até aquilo que é mais desvelado pode ser perdido. Apesar de tudo isso, a alma dele não retorna ao estado primário de deseducação.

O que garantiu ao prisioneiro a liberdade no terceiro estágio foi a angústia, a perda e o esvaziamento ao se desprender das certezas que ele possuía na caverna e das próprias verdades as quais ele entrou em contato no mundo exterior. O retorno à origem, a descida, é onde o prisioneiro liberto está pleno de possibilidades de decadência. A disposição discutida no segundo estágio, aquilo que desencadeou a partir dele próprio a busca pela essência das coisas e o que ele aprendeu, o que o move, também pode ser esquecido. O homem está sempre em falta consigo mesmo e precisando reconquistar também aquilo que o levou ao movimento de educação propriamente dito. Pode-se constatar que o primeiro elemento da educação é a própria solidão, solidão porque não há como obrigar uma pessoa a fazer algo ou se empenhar em alguma tarefa se esta não estiver disposta a realizá-la. Isso resultaria em algo superficial e, portanto, precisaria haver um querer. Esse querer é um querer inicial que se transmuta em um deixar ser onde não há mais uma vontade, um controle, mas, antes, algo que encaminha o homem no sentido de exigir dele uma transformação do

espírito (*metanoia*).

Agora, no quarto estágio, quando percebe que o mundo exterior não é o seu lugar, o prisioneiro reflete novamente. Reflete sobre seu antes “livre de” dos grilhões e agora em um âmbito onde está “livre para” o sentido. O filósofo está sempre nesse conflito entre interior e exterior, ele encontra-se em meio a esses dois mundos. O homem é um ser aberto para possibilidades (em Heidegger isso é nomeado com a palavrinha *Dasein* – ser aí- no mundo), cujo caminhar determina o vir a ser o que ele é, onde a disposição provém da própria alma e para ela retorna. O papel do prisioneiro é levar os outros que habitam a caverna a trilhar o mesmo caminho que ele, levá-los a entender e se dispor ao sentido da liberdade para a formação do espírito.

Segundo Nietzsche (1983), citado por Glória Ribeiro (2013, p.123)

O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar. O que há de grande, no homem, é ser ponte, e não meta: O que pode amar-se, no homem, é ser uma *transição* e um *ocaso*.

A passagem de Nietzsche afirma o que exatamente precisa ser observado na análise da alegoria da caverna. O processo de formação do humano é contínuo, necessita ser feito e refeito. E ao constatar que o mundo da caverna é o “menos desvelado”, além de a alegoria ajudar a compreender que o movimento se faz desde o menos desvelado até o mais desvelado, o que importa é o caminho no interior do qual o prisioneiro percorre e percebe que os quatro pilares presentes nesse caminho são a solidão, a transição, o ocaso e a perda. A ênfase não é totalmente no produto, o que Nietzsche chama de meta, e sim no processo: o cair, o levantar, e a vontade de retornar, sendo todas essas ações partes constituintes do percurso até à compreensão das coisas em sua essência.

Referências Bibliográficas

- [1] CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- [2] COSTA, Affonso Henrique Vieira da. *Sócrates in Manual de iniciação à filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- [3] DORION, Louis-André. *Compreender Sócrates*. Tradução de Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 2006.

-
- [4] HEIDEGGER, Martin. A teoria platônica da verdade. In *_. Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- [5] MOSSÉ, Claude. *O Processo de Sócrates*. Tradução de Arnaldo Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- [6] PLATÃO. *O banquete – Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Pará: Edufpa, 2001.
- [7] RIBEIRO, Glória Maria Ferreira. *O Exercício do filósofo: A Experiência da solidão e os limites da linguagem no livro VII da República de Platão*. Rio de Janeiro: Revista Teias, v 14. n.32, p. 101-128, 2013
- [8] .ROBINSON, Dave; GROVES, Judy. *Entendendo Platão*. Tradução de Kelly Koide. São Paulo: Leya, 2013.